

MIL ANOS DE AMÉRICA

*Cristovam Buarque**

A ótica do CEAM

Foi com muito prazer que aceitei o convite de abrir a série de palestras deste Encontro, até porque minha relação com o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) vem de longa data. Quando reitor, criticava o aspecto monolítico dos departamentos das universidades, que se restringem às próprias disciplinas, sem jamais abarcar temas mais amplos, como a fome, a energia, a habitação, o Brasil, a América Latina, a África, em seus currículos. Partindo-se desta preocupação, surgiu a idéia dos núcleos temáticos, que combinariam o saber dos Departamentos através de uma associação dos temas com as disciplinas de cada curso. O primeiro diretor do CEAM, o professor Nielsen de Paula Pires, aqui presente, abraçou a idéia e juntos inauguramos o Centro.

É uma pena que o CEAM ainda não penetrou no imaginário dos universitários, ainda não se assumem como profissionais que necessitam alguma organização em torno aos seus compromissos com a mudança social. Os universitários não percebem que eles entram na universidade para construir um mundo melhor e mais belo. Que a beleza pode ser produzida dentro de um departamento isolado, mas que melhorar o mundo exige respostas a problemas que só podem ser enfrentados multidisciplinarmente.

A UnB vem desde 1985 querendo se organizar matricialmente, em departamentos e núcleos temáticos. Falta que seja uma regra para todos, professores e alunos, fazerem parte destas duas estruturas. Já no

* Professor do Departamento de Economia, UnB

vestibular, o candidato deveria escolher sua área de conhecimento, o departamento e o núcleo temático nos quais deseja participar da vida universitária.

Nossos alunos e professores ainda acham que basta conhecer o curriculum de seu curso, ou mesmo de sua disciplina, para estar pronto a resolver os problemas do mundo e fazê-lo melhor. Falta à universidade a consciência de que os problemas do mundo não se resolvem apenas através da engenharia, da arquitetura, das letras ou da economia; mas somente quando estes conhecimentos específicos se vinculam em temas concretos da realidade.

Um dos temas multidisciplinar a ser enfrentado é a América Latina. É por isso uma agradável atividade retomar contato com o CEAM, além do assunto específico abordado neste Encontro. Em 1992, nas comemorações do V Centenário da chegada de Cristóvão Colombo, propus a publicação de um livro que incluísse os 400 anos de história anteriores, 1100 a 1500, na Europa e Aqui, descrevesse a história destes últimos quinhentos anos e fizesse um levantamento de prováveis problemas e soluções para os cem anos adiante.

Fiquei satisfeito quando vi a publicidade deste debate¹, não apenas pela abrangência histórica como vemos o continente, mas também pela coragem de olhar a partir de nossa ótica. Apresentar uma América Latina a partir de nossa própria perspectiva, inverter o mapa do mundo de forma a nos colocar em uma posição central.

Os novecentos primeiros anos

Há uma nova ótica no simples fato de imaginar que havia vida no nosso continente, antes da descoberta. A maioria dos historiadores considera que antes de Colombo nós tínhamos uma pré-história, sem importância além da paleontologia e dos curiosos nas formas primitivas de sociedades. Não consideram que essa terra já estava habitada há milhares de anos. Já havia vida, já havia culturas.

Onde hoje é o Brasil havia uma cultura pouco sofisticada em comparação com a europeia de 1500, mas no México, na América Central, no Altiplano Andino havia uma cultura que em certos aspectos, em alguns momentos, foi superior à cultura da Europa. O desprezo ao estudo da história pré-colombiana foi uma das causas da baixa estima dos latino-americanos, pobres e ricos, diante dos países metropolitanos. Os EUA e Canadá não necessitaram disso porque fizeram terra arrasada do que

¹ Refere-se ao mapa de América que reproduzimos na p. 5 (n. da edit.)

antes havia e se assumiram como parte do hemisfério norte, como uma continuação da cultura européia. Os latino-americanos não foram extensão do anterior europeu e não recuperaram a própria história. Ficaram órfãos do tempo. Como se recém-nascidos do nada, oscilando entre a submissão e o recalque.

Uma das conseqüências foi que durante os últimos quinhentos cometemos o grande erro de não subordinar o nosso processo de civilização a valores éticos, mas sim a valores econômicos. Concentramos nossa energia em aumentar a riqueza material conforme demanda definida desde o exterior, sem escolher nossos desejos nem buscar atender nossas necessidades. Esquecemos que a riqueza é um conceito não apenas econômico mas também ético e estético.

O resultado é que chegamos ao ano dos mil e nos deparamos não com o coroamento da civilização imaginada por todos, mas com um retrato da tragédia universal. Uma tragédia que, no entanto, não se manifesta da mesma forma em outros países.

Nós somos o retrato da atual civilização. Temos a renda per capita e os indicadores sociais parecidos com os mundiais; nem tão ruins quanto os da África e nem tão bons quanto os da Europa e Estados Unidos. Temos também um potencial imenso de massa crítica; universidades como esta e tantas outras, com pessoas capazes de formular alternativas. Os norte-americanos e os europeus não sentem necessidade de alternativas; a África apenas pode pensar na sobrevivência. A América Latina tem a urgência da crise e o potencial para resolvê-la. Por isso, cabe a nós formularmos alternativas para o mundo, não esperemos alternativas vindas dos países ricos, nem daqueles ainda mais pobres.

Globalização sem pobreza

O desafio que a América Latina deve buscar se resume em como fazer uma globalização sem pobreza. Para isso é preciso definir globalização e pobreza. Por globalização não falemos do modelo neoliberal mas da realidade de um irreversível processo de integração internacional, que exige ajustes para garantir soberania e identidade nacionais, mas não os graus de isolamento do passado.

Visto como sinônimo da integração entre as diversas tribos de seres humanos, a globalização se confunde com um dos objetivos centrais do projeto civilizatório, desde quando um homem solitário ou um grupo

de seres humanos, movidos por uma curiosidade intrínseca, inexplicada e mesmo desconhecida como conceito, caminhou até os limites de seus territórios e descobriu outros seres, desconhecidos, mas surpreendentemente semelhantes. Não foi diferente o que moveu os europeus às Américas, mesmo que houvesse objetivos comerciais explícitos.

O que não se sabe do primeiro encontro global é se provocou um enriquecimento da convivência fraterna ou a destruição de uma guerra fratricida. Mas sabe-se com detalhes o que ocorreu no território americano. O mal do “Encontro de Civilizações”, a partir do final do século XV, não esteve no encontro, mas na violência como ele foi conduzido, no comportamento destrutivo dos europeus. O mal não esteve na globalização implícita com a chegada deles, mas no fato de que o encontro não significou enriquecimento para os dois lados, e sim enriquecimento de um grupo contra o genocídio do outro.

Cinco séculos depois, a nova globalização vem significando, além do empobrecimento das massas, do aumento da desigualdade, a destruição ecológica.

O século XXI começa com um novo tipo de globalização: da total universalização e da absoluta instantaneidade. E o risco é de que se incorpore uma parte de nossa sociedade no novo primeiro mundo internacional dos ricos, excluindo-se a maioria da população em um arquipélago de pobres excluídos na miséria. Até que, indo muito além do genocídio de armas de fogo do passado, provoque-se uma ruptura da espécie humana em dois tipos diferentes de seres usando-se desta vez as armas da biotecnologia.

Nossos antepassados do começo da colonização não tiveram consciência clara do que ocorria, não puderam enfrentar a força e a violência de seu tempo, hoje nós temos pleno conhecimento dos riscos adiante, e do potencial também de um processo de convivência internacional. Nosso desafio é saber enfrentar este novo momento, parecido e tão diferente do que ocorreu no início de nossa formação. Enfrentando a apartação, lutando contra a desigualdade, dominando a modernidade das técnicas por uma modernidade da ética. O desafio da América Latina para as próximas décadas é construir uma civilização sem nenhuma das formas de pobreza que corroem nossas sociedades.

A **pobreza política**, é quando uma democracia convive com corrupção, sem participação popular e com um povo dividido em corporações, e com uma justiça discriminatória. A corrupção e o

corporativismo unidos destroem o tecido social. As pessoas perdem a noção de conjunto. Professor só pensa em professor, latifundiário só pensa na terra, banqueiro só pensa nos seus lucros. Não existe um discurso nacional partindo de nossos cidadãos, só ver o nosso Congresso depois de dez anos de democracia não se escuta um discurso nacional de nossos parlamentares. Perdemos, enquanto povo, a noção de conjunto e isso é uma pobreza política. Para dificultar ainda mais, o sistema judiciário é nitidamente preconceituoso e discriminatório contra as parcelas excluídas da sociedade; com leis que protegem os organizados corporativamente, possíveis de manipulação pelos que tiverem acesso aos sofisticados mecanismos de defesa e à rede de proteção formada pela elite. O Brasil é um país que sofre da pobreza política de uma república proclamada mas não construída. Sua proclamação se faz por um Marechal, mas sua construção por centenas de milhares de professores, através de uma educação igualizadora dos direitos, dos deveres e das oportunidades.

A **pobreza ecológica** da degradação ambiental decorre da lógica de uma sociedade onde destruir a natureza transformando-a em bens e serviço é o objetivo central da energia humana. Ameaçando com isso a sustentação do projeto civilizatório e até mesmo a sobrevivência da espécie humana. A economia brasileira é uma fábrica destruidora do meio ambiente, empobrecendo cada dia mais à sociedade. A globalização sem exclusão exige medidas duras de proteção ambiental.

Um terceiro tipo de pobreza é de **soberania**. A globalização está empobrecendo o espírito nacional e destruindo nossas identidades. O Brasil elege a cada quatro anos o seu presidente para nos dias seguintes à posse, ele receber ordens de funcionários de terceiro escalão de organismos internacionais que ditam as normas de comportamento na economia e nas finanças. Cada presidente já assume com amarras muito difíceis de serem superadas. Nosso poder de controlar nosso destino, nossos recursos, nosso potencial econômico está cada vez mais pobre. A luta contra a pobreza e a exclusão não vão poder ignorar a realidade da força internacional e seu domínio no mundo de hoje, mas não haverá uma globalização decente sem a retomada da soberania e a defesa dos interesses e identidades nacionais.

Como decorrência da pobreza de soberania emerge uma **pobreza cultural**. No continente latino-americano há idiomas desaparecendo por conta da força e o descontrole como chega a globalização. Os costumes são destruídos, os gostos estéticos são invadidos e corroídos. Monu-

mentos do passado são forçados a ceder lugar ao novo importado. A população acorda cada dia um pouco mais pobre pela perda de patrimônio cultural. A solução não é parar a globalização, a solução é quebrar essa pobreza cultural trazendo medidas que permitam a convivência cultural e não a morte da cultura.

A **pobreza de qualidade de vida** se percebe por trás das próprias vantagens da produção material, que deflagram uma qualidade de vida degradada. Ao mesmo tempo em que aumenta a produção de automóveis, aumenta o tempo que as pessoas ficam nos engarrafamentos no trânsito; ao mesmo tempo em que a riqueza aumenta, crescem os índices de pobreza e, conseqüentemente, os de violência. Sem segurança, as pessoas se encerram cada vez mais. São prisioneiras de si próprias.

Há uma **pobreza intelectual** no mundo de hoje provocada pelo véu da modernidade que cobre as coisas do mundo, definindo-as conforme a lógica econômica da globalização neoliberal, sem levar em conta a ética, a estética, nem a verdade. É a pobreza do entendimento da realidade que impede de ver e entender a realidade da pobreza social. Forçando o imaginário universal a considerar que no lugar de pobreza existiria apenas pouca pobreza.

A **pobreza social** é talvez a mais brutal das formas de pobreza e aquela que mais se assemelha de seu conceito tradicional: a pobreza da baixa renda, da condenação de milhões de latino-americanos à falta de comida, educação, atendimento de saúde, moradia, higiene, transporte público, segurança, justiça. Esta é a mais visível das pobreza e aquela que mais facilmente seria possível corrigir, se houvesse uma vontade política nos dias de hoje para enfrentá-la, se o seu entendimento se fizesse pelo lado da ética e não da economia.

Ao mesmo tempo existe uma **pobreza moral** que decorre do fato de que na América Latina a pobreza da maioria existe ao lado da riqueza de uma minoria insensível. A convivência entre riqueza e pobreza na mesma sociedade empobrece moralmente os seus habitantes, especialmente a elite responsável pelas políticas concentradoras da renda e pelas prioridades imorais que atendem ao egoísmo da minoria que se recusa em reorientar o uso dos recursos disponíveis de maneira a atender as necessidades essenciais de toda a população.

Como conseqüência, a **pobreza espiritual** está tomando conta do imaginário mundial e da América Latina, seja pelo abandono da espiritualidade, seja por religiões que manipulam esta espiritualidade com propósitos materiais.

A falta de esperança é uma décima forma de pobreza. A América Latina durante décadas acreditou no desenvolvimento, no socialismo,

em utopias, nas promessas populistas, nas revoluções armadas, nas maravilhas do avanço técnico para corrigir todos os problemas sociais. De repente, o continente entra no esperado século XXI e no lugar de encontrar o coroamento de suas expectativas, descobre-se sem esperança. Não há mais nenhum projeto social que neste momento empolgue com esperança à população latino-americana. Há uma **pobreza de esperança**.

Pobreza social não é falta de riqueza

O primeiro ponto para a construção de uma modernidade e globalização sem pobreza consiste em fugir do entendimento geral de que a pobreza é o contrário da riqueza. A pobreza não deve ser definida como falta de renda, porque nos países latino-americanos ela não é mais uma variável que depende da economia. No nosso continente, a pobreza depende da ética na definição das políticas públicas. Ser pobre não é não ter renda, ser pobre é não ter o essencial: alimentação, educação, saúde, moradia com água potável e saneamento básico, transporte público eficiente, justiça e segurança.

Criou-se uma mentalidade economicista, todos pensam a partir de uma perspectiva econômica. Quando falamos que a linha da pobreza é baseada em um, dois ou três salários mínimos ou em um dólar por dia, estamos enxergando o problema segundo um ponto de vista economicista. Os cubanos, por exemplo, ganham hoje menos de um dólar por dia. Ainda assim não diria que fossem pobres, porque não passam fome, têm um sistema de atendimento médico coletivo extremamente eficiente, garantem escola para todos, além de moradia e transporte público na medida do possível.

A abolição da pobreza não virá da elevação da renda, mas da garantia de todos ao acesso aos bens e serviços essenciais. Durante metade do século XX a elite latino-americana mentiu aos pobres prometendo enriquecê-los graças aos empregos que produziam para os ricos. Diziam que produzindo para atender à demanda dos ricos seria possível criar empregos e pagar salários que colocariam todos os pobres nos padrões de riqueza.

Para dinamizar a economia que atendia à demanda dos ricos, a economia foi movida com base em um competente e imoral sistema de incentivos fiscais, cambiais, financeiros, através da administração de taxas de juros, de câmbio, de salários, de inflação, de alíquotas. No lugar de eliminar, agravou a pobreza. Uma nova estratégia para erradicar a pobreza não pode se basear em políticas de incentivos econômicos, mas em incentivos sociais que mobilizem os pobres para produzirem aquilo que atende suas necessidades essenciais. Garantindo sua subsistência,

sua dignidade, sua educação de maneira a abandonar o quadro de pobreza em que vivem.

É preciso, portanto, que se inverta a lógica. Por exemplo, existem hoje centenas de pessoas, principalmente mulheres, nas chamadas frentes de trabalho, que para isso são forçadas a trancar seus filhos em casa perpetuando o ciclo de pobreza. Seus filhos, provavelmente, não estarão na escola aos seis anos e não conseguirão acompanhar o ensino daí por diante. Faria mais sentido inverter o raciocínio e, ao invés de criar soluções imediatistas, propor medidas que, a longo prazo, solucionem de fato o problema. Um exemplo é o projeto “Bolsa Escola”, através do qual se paga um salário mínimo por mês para a mãe que garantir a frequência de seus filhos à escola. Essa iniciativa oferece a possibilidade para que os filhos, por meio da educação, saiam da pobreza. Assim mobiliza-se a capacidade dessa mãe para não deixar seu filho faltar à aula. Com este projeto quebra-se a lógica da economia e o ciclo vicioso da pobreza pelo lado das gerações: os filhos não serão pobres, nem os filhos dos filhos.

Se o mundo decidisse implantar um programa como a “Bolsa Escola” para os 250 milhões de crianças, que é o número de crianças que trabalham no mundo inteiro, o custo total seria de 40 bilhões de dólares por ano.

Como a “Bolsa Escola”, outros incentivos sociais podem compor um conjunto de medidas que em poucos anos erradicaria a pobreza em todo o continente.

O retrato da civilização

Uma proposta como essa não poderia sair de outro lugar senão da América Latina. Somente aqui temos condições e necessidades de levantar soluções para o problema.

A meu ver, esse é o desafio dos próximos anos. Se deixarmos mais tempo passar, dar-se-á uma ruptura da espécie humana, pois com os avanços da biotecnologia, estaremos criando uma minoria tão saudável e inteligente que aqueles que ficarem para trás não mais serão reconhecidos. É preciso garantir à parcela dos excluídos da humanidade um mínimo para que eles, no futuro, tenham chances de lutar pelo máximo.

Nesse sentido, acredito que a Universidade de Brasília possa ser um importante centro de reflexão sobre o futuro do mundo inteiro. Nós, colonizados, tendemos a achar que os americanos pensam o mundo e nós pensamos o local. Devemos pensar o local, mas sabendo que os exemplos daqui são universais e servem para o mundo inteiro. Nós te-

mos mais lições para dar para eles, do ponto de vista de construção da civilização, do que eles têm para nos dar. Até porque nós temos um exemplo de como eles são ruins nisso, porque as lições que eles deram nesses quinhentos anos não foram lições das melhores. As lições que deram foi a de matar os habitantes que aqui existiam, de destruir a natureza que aqui estava, de transformar nossa terra apenas em centro de exploração para mandar para fora. O que eles estão nos ensinando hoje é a exportação de bugigangas, o envio de turistas sexuais para explorar a prostituição de menores no Brasil e a construção de um mundo dividido, separado por uma cortina de ouro. Eles não têm o que nos ensinar. Eles fizeram alguns produtos que podem nos deleitar, isso é verdade, nas artes sobretudo. Eles inventaram instrumentos técnicos que podem nos servir e ser úteis, mas do ponto de vista ético não há lições para ver no primeiro mundo. Eles formularam técnicas que a gente pode usar, mas a maneira de usar, o destino do uso, que é definido pela ética, somos nós que temos que dar lições.

Por isso os próximos anos serão nossos desde que possamos sair do colonialismo em que vivemos durante os últimos quinhentos anos. É preciso que tomemos consciência de que o futuro não depende da técnica, mas sim da ética que vamos escolher. Uma ética que respeite o meio-ambiente e que tolere a desigualdade. Nosso desafio é fazer uma mudança na ética e inventar uma nova postura que nos permita dar um salto e alcançar um processo de globalização sem exclusão e sem pobreza.

E isso está nas mãos dos jovens. Tenho muita esperança de que possa surgir, nessa nova geração, alguma chispa que vai dar o caminho para melhores anos dos que vivemos até aqui. E vai ensinar o mundo inteiro de como fazer uma reorientação da civilização para uma modernidade ética.